

O conceito de natureza-inimiga em Machado de Assis e Leopardi

Prof^ª Me. Marília Matos
UFES

Machado de Assis amava a Itália, mesmo sem nunca tê-la conhecido, e admirava a expressividade da língua e da literatura italiana. Entre os poetas italianos mais caros a Machado incluem-se Dante, Tasso e Leopardi. Este, o escritor parece ter confessado ser “um dos santos da sua igreja” e que o amava “pelos versos, pela filosofia, pode ser que por alguma afinação moral”.

De fato, sobretudo no capítulo VII (“O Delírio”), de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*¹, existe uma forte identificação com as *Operette Morali*², onde Leopardi, mais lúcido, retoma os mesmos elementos temáticos de suas poesias, por exemplo, o tema da Natureza indiferente ao destino do homem no “Diálogo della Natura e di un Islandese”.

As *Operette Morali* são diálogos ou prosas continuadas, “morais” enquanto exprimem, através de alegorias, a desconsolada meditação leopardina sobre o homem e seu destino. É uma obra intimamente autobiográfica, um doloroso monólogo.

Se existe diálogo, é aquele do homem com o seu destino ou com a natureza: mas tais diálogos levam à descoberta da impossibilidade de um diálogo autêntico. Enquanto o poeta se propõe perguntas sobre o porquê da vida e do universo, sabe que estas são destinadas a permanecerem sem resposta. A “moralidade” das *Operette* consiste justamente em encarar de perto o próprio desespero, os espaços exterminados do universo incompreensível, a sombra escura do nada.

A importância do “Dialogo della Natura e di un Islandese”, composto em 1824, está no fato de que Leopardi aborda, de uma forma para ele conclusiva, o problema da relação entre o homem e a Natureza e da radical infelicidade humana.

Precedentemente Leopardi tinha concebido a Natureza como mãe benigna e amorosa, com a qual o homem convivia em harmonia serena desde a infância do mundo e tinha responsabilizado a Razão como inimiga da vida e da felicidade.

Entretanto, num segundo momento, Leopardi começa a duvidar da possibilidade da felicidade e conclui que o homem sempre foi infeliz, em todos os tempos e em todos os lugares. O poeta, angustiado, quer descobrir a causa da infelicidade humana e, surpreso, percebe que a Natureza, tantas vezes celebrada por ele como mãe benigna, é a única responsável pela infelicidade humana e cósmica. A partir desta descoberta, começa a censurá-la, a acusá-la com ódio implacável.

Exatamente no “Dialogo della Natura e di un Islandese”, dizíamos, Leopardi desenvolve de maneira mais coerente as premissas da sua nova e definitiva concepção: a Natureza (identificada com a ordem suprema do mundo, que toma o lugar da divindade tradicional) é concebida agora como uma força cega, mecânica, fatal, como mãe - inimiga de todos os seres vivos, que ela gera e começa a perseguir já a partir do seu nascimento, por necessidade da lei de destruição e reprodução. O homem, envolvido neste movimento incessante e incompreensível, é o mais infeliz de todos os seres, por ter o dom funesto da consciência racional, que lhe revela a sua miséria de criatura nascida para a morte.

A “filosofia” de Leopardi se traduz numa consciência trágica da laceração existencial: o infinito desejado pelo homem e só aquilo que não existe: o nada; o homem não é nada, existe para o nada. A Natureza é madrasta, indiferente à dor dos homens e preocupada somente com a conservação da espécie, até o dia em que tudo de-

saparecerá no nada. É esta madrasta que gera o homem, com o desejo insaciável de felicidade nunca alcançável: ao mesmo tempo que lhe dá a vida, condena-o à dor e à morte. Em vão o homem se pergunta o porquê de sua própria existência.

A escolha de um islandês para protagonista do diálogo deve-se talvez à influência de uma leitura de Voltaire, que descreve este povo como particularmente infeliz pelas condições ambientais da sua existência; ou também ao fato de que Leopardi pretenda contrapor à Natureza um ser próximo a um estágio primitivo de vida, ou seja, dotado de vitalidade mais intensa e elementar.

A “filosofia” leopardiana expressa no “Dialogo della Natura e di un Islandese” das *Operette Morali* liga-se, portanto, diretamente à “filosofia” machadiana desenvolvida no capítulo “O Delírio” de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Observe-se que a palavra “filosofia” referida, seja a Leopardi, seja a Machado de Assis, veio até agora colocada entre aspas. Isto porque, se se pergunta aos filósofos, digamos assim, de profissão, eles responderão que nem um nem outro filósofos foram. Não tiveram um sistema, mas idéias especulativas que se formaram pelas leituras de filósofos mais próximos ao seu modo de sentir. Em uma história da filosofia, portanto, eles não se incluem.

Todavia, tanto um quanto outro se inserem num quadro da cultura filosófica do século passado. Talvez pudéssemos, então, defini-los como filósofos-leitores, em busca de respostas a perguntas que surgiam espontaneamente do fundo de suas almas, insistentes, invencíveis e que eles não sabiam reprimir.

Começemos, então, a relacionar os pontos de identificação entre as duas obras mencionadas.

No “Dialogo”, o islandês, “*che era corso per la maggior parte del mondo*”, chega “*in un luogo nom mai prima penetrato da uomo alcuno*”, assim como provavelmente Brás Cubas foi o primeiro ou

único a viajar até a origem dos séculos, ou, ao menos, foi o primeiro e único a relatar o próprio delírio: o uso do verbo *correre* (“che era corso”), em Leopardi, remete-nos também à vertiginosa carreira do hipopótamo que arrebatou Brás Cubas até o arrepio dos séculos.

Diante de Brás Cubas, cai do ar ou destaca-se da terra “*um vulto imenso, uma figura de mulher, fitando-me uns olhos rutilantes como o sol. Tudo nessa figura tinha a vastidão das formas selváticas e tudo escapava à compreensão do olhar humano, porque os contornos perdiam-se no ambiente...*”

No “Dialogo”, o islandês encontra uma figura descrita por Leopardi como “*una forma smisurata di donna...; e non finta ma viva; di volto mezzo tra bello e terribile, di occhio e di capelli nerissimi; la quale guardavalo fissamente...*”

Sem dúvida, Leopardi era “um dos santos da igreja de Machado de Assis”; a descrição da Natureza coincide visivelmente nas duas obras: a estatura colossal, o rosto entre “*bello e terribile*”, a cor e o brilho dos cabelos e dos olhos simbolizam nos dois trechos os atributos da Natureza, que se tornarão cada vez mais vivos, mais nítidos no decorrer tanto do “Dialogo” quanto do capítulo VII das *Memórias*, passando claramente a idéia da grandiosidade, da força terrível e monstruosa da Natureza e do seu mistério insondável. Porém, mais vivo ainda é sobretudo aquele olhar fixo, indiferente e, ao mesmo tempo, implacável.

E as coincidências continuam.

A “curiosidade de delírio”, usando as palavras do narrador, leva Brás Cubas a perguntar à figura, “*ao cabo de algum tempo*”, quem é ela, ao passo que no “Dialogo” é a “Natura” que depois de “*un buono spazio senza parlare, all’ultimo gli disse: — Chi sei? Che cerchi in questi luoghi dove la tua specie era incognita?*”.

Seja na resposta fria, seca e insensível da Natureza a Brás Cubas (“*— Chama-me Natureza ou Pandora; sou tua mãe e tua ini-*

miga”), seja na resposta do islandês à “Natura” (*Sono un povero Islandese, che vo fuggendo la Natura; e fuggitala quasi tutto il tempo della mia vita per cento parti della terra, la fuggo adesso per questa*”), sente-se o poder destruidor da Natureza, já pressentido no olhar fixo e indiferente descrito na passagem anterior. Tal atmosfera é acentuada ainda pela “gargalhada que produziu em torno de nós o efeito de um tufão” e pela, agora sim, apresentação da “Natura” ao islandês: “*Così fugge lo scoiattolo dal serpente a sonaglio, finché gli cade in gola da se medesimo. Io sono quella che tu fuggi*”.

O resto da *Operetta* é um longo e doloroso monólogo do islandês, no qual se reflete a infelicidade dos homens: convencido da impossibilidade da felicidade, o islandês procura viver uma existência elementar, voltada unicamente à conservação da vida; mas isto também, que deveria ser um viver segundo *Natura*, lhe é negado por ela própria.

Só duas vezes *Natura* o interrompe com frases impiedosas e, todavia, pronunciadas com uma calma desumana. Tem-se a impressão de se estar ouvindo um lamento sem esperança, executado diante de uma divindade remota e impassível.

Eco dessa terrível impassibilidade pode ser identificado no capítulo VII das *Memórias*, na descrição do rosto da Natureza: “...*nenhuma contorção violenta, nenhuma expressão de ódio ou ferocidade; a feição única, geral, completa, era a da impassibilidade egoísta, a da eterna surdez, a da vontade imóvel*”.

Esta é a natureza arbitrária, que desenvolve no homem o amor pela vida, para destruí-lo depois, tão simplesmente: “*Porque já não preciso mais de ti*”. “*Para que queres tu mais alguns instantes de vida? Para devorar e seres devorado depois?*”

É esta Natureza que gera Eugênia, a flor da moita, que acaba murchando num cortiço; ou Marcela, cuja beleza devorou as jóias

e os homens e foi devorada pelas bexigas; ou ainda Dona Plácida, que teria sido chamada à vida “*para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital*”, ou mesmo, quem sabe, para desempenhar o papel de “*utilidade relativa*” protegendo o romance de Brás Cubas com Virgília.

Pandora justifica esse seu egoísmo na lei da conservação: “*A onça mata o novilho porque o raciocínio da onça é que ela deve viver, e se o novilho é tenro tanto melhor; eis o estatuto universal*”.

Da mesma forma, no capítulo CXVII, Quincas Borba argumenta em sua filosofia — Humanitismo — que o algoz que executa o condenado é “*Humanitas que corrige em Humanitas uma infração de Humanitas. O mesmo direi do indivíduo que estripa a outro; é uma manifestação da força de Humanitas. Nada obsta (e há exemplos) que ele seja igualmente estripado*”.

Ora, no “Diálogo de Leopardi, *Natura*, interrompendo pela segunda e última vez o doloroso monólogo do islandês, diz: “*...la vita di quest’universo è un perpetuo circuito di produzione e distruzione, collegate ambedue tra sé di maniera che ciascheduna serve continuamente all’altra, ed alla conservazione del mondo.*”

É evidente que as citações das duas obras traduzem a concepção do universo como perene ciclo de transformação da matéria, por necessidade da lei de destruição e reprodução, como já foi dito no início. E esta lei, férrea e impassível, cai inexorável sobre o homem.

A derradeira e angustiada pergunta do islandês à “*Natura*” permanece sem resposta, perdendo-se em um silêncio sepulcral, enrijecido pela “*eterna surdez*”, pela “*vontade imóvel*” da Natureza: “*Ma poiché quel che è distrutto, patisce; e quel che distrugge,*

non gode, e a poco andare è distrutto medesimamente, dimmi quello che nessun filosofo mi sa dire: a chi piace o a chi giova cotesta vita infelicissima dell'universo, conservata con danno e con morte di tutte le cose che lo compongono?"

No fundo, estas são também as perguntas desesperadas, porque sem resposta, que encontramos no poema “Canto Notturmo di un pastore errante dell’Asia”, composto entre 1829 e 1830, onde Leopardi retoma o tema. Nas vestes de um simples pastor está representado não só o próprio poeta, mas o ser humano de todos os tempos e lugares, à mercê sempre do mistério do universo e da Natureza; terrivelmente consciente da própria infelicidade e da felicidade de todo ser vivo.

O “pastore errante” é o homem no seu inútil peregrinar terreno, desesperadamente só no deserto do mundo. A lua, a quem ele interroga, permanece muda na sua bela e infinita distância: é a imagem da própria Natureza que parece nos sugerir, através de sua beleza, uma promessa de infinito e de felicidade, mas que na realidade observa impassível o nosso destino.

E assim, no último parágrafo do “Dialogo della Natura e di un Islandese” cumpre-se intertextualmente o “estatuto universal” das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: *Mentre stavano in questi e simili ragionamenti è fama che sopraggiungessero due leoni, così rifiniti e maceri dall’inedia, che appena ebbero forza di mangiarsi quell’Islandese; come fecero; e presone un poco di ristoro si tennero in vita per quel giorno.*

Notas

¹ ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro : Garnier, 1988.

² LEOPARDI, Giacomo. *Operette Morali*. Milano : Rizzoli, 1951.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, João Alexandre. A Volúpia lasciva do nada. *Revista USP*, São Paulo, Abril e Maio, 1989.

BIZZARRI, Edoardo. *Machado de Assis e a Itália*. São Paulo : Instituto Cultural Italo-Brasileiro, 1961.

CARPEAUX, Otto Maria. “Uma fonte da filosofia de Machado de Assis”. In: *Vinte e Cinco Anos de Literatura*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1968.

PAZZAGLIA, M. *Testi e Lineamenti di Litteratura Italiana e Europea*. Bologna : Zanichelli Editore, 1985. Vol. 3